LIVRO DO MÊS

CAÇA À 'RAPOSA'

POR TIM BOUQUET

Por trás da fachada de empresa multinacional escondia-se uma organização cruel cujo principal produto eram as drogas.

Policiais disfarçados haviam penetrado na operação criminosa, prendendo dois de seus homens fortes. Mas onde estava o chefão por trás de tudo?

Para três policiais dedicados, encontrá-lo era uma obsessão que os levou a uma caçada por

Parceiros no Crime– A ardilosa 'Raposa' e sua mulher, May Ong Forwell.

FOTOS: (FUNDO) © JEFFREY AARONSON/NETWORK ASPEN; (DESTAQUE) © MIKE TAYLOR

www.4tons.com.br

meio mundo – de Hong Kong aos Estados Unidos, e por fim às ruas de Londres.

Eis a impressionante história da incansável busca ao audacioso inglês, o maior traficante de maconha do mundo, conhecido como "a Raposa".

Homem misterioso

NUMA TARDE fresca de abril de 1988, Larry Brant, 44 anos, homem alto e de traços fortes, encontrava-se num pequeno cais do porto de Hong Kong, olhando a floresta de edifícios que se estendia pela zona portuária. Era um mundo distante da sonolenta cidade de Blaine, a mais de 10 mil quilômetros, na costa noroeste dos Estados Unidos, de onde saíra dois dias antes.

Ávido marinheiro, Brant encantara-se com a vasta frota de embarcações de Hong Kong – petroleiros, barcas e luxuosos iates. No entanto, ele procurava um barco em particular: uma lancha branca. A bordo estaria uma gangue de traficantes prestes a enviar pelo Pacífico grande carga de maconha para os Estados Unidos. Eles precisavam de alguém que transferisse a droga para pequenas embarcações que então a descarregariam ao norte de Seattle.

Brant tinha de convencer os traficantes de que era o homem certo para a tarefa.

Entretanto, ele não era criminoso. Era um agente disfarçado do Departamento de Repressão às Drogas nos Estados Unidos (DEA). Acompanhado pelo colega do DEA Helmut Witt, Brant fingia-se de descarregador, um ganancioso pescador de cidade pequena querendo ganhar uma bolada.

Essa operação internacional secreta começara alguns meses antes, quando agentes do DEA em Bangcoc haviam capturado um pequeno traficante de drogas americano. Para salvar o pescoço, o traficante tornara-se informante, prometendo entregar presa maior – uma importante organização de americanos que viviam no Sudeste Asiático e que vinham inundando os Estados Unidos com maconha havia 15 anos.

As autoridades souberam pelo informante que o carregamento de maconha estava para sair do Vietnã por mar. Criaram então uma força-tarefa que incluía o DEA, a Promotoria de Justiça, a Alfândega e a Guarda Costeira dos Estados Unidos.

Brant foi escolhido para descobrir o local exato em que a maconha seria descarregada, porque conhecia como ninguém o trecho da costa americana para onde a droga estava

www.4tons.com.br

indo. Os barcos estavam em seu sangue. Desde garoto navegava com o pai. Enquanto estudava na faculdade de criminologia e matérias ligadas à atividade policial, participou da tripulação da traineira de salmão do tio. Agora toda essa experiência estaria sendo posta à prova.

Seus olhos vasculharam o movimento de barcos nas proximidades. Depois de alguns minutos, ele o viu – um iate de 15 metros se aproximando do cais. Olhou para o relógio. *Bem na hora*, pensou.

Witt e ele embarcaram. Para sustentar seu disfarce, Brant trouxera fotos de sua "frota" – na verdade, fotos que tirara de seis barcos de pesca no porto de Blaine. Agora, enquanto a embarcação se distanciava do porto, o agente sentia certo nervosismo. Se fossem desmascarados, Witt e ele acabariam no fundo do Mar do Sul da China.

Na cabine, foram recebidos por três homens que se apresentaram como Samuel, J.T.* e Michael. De fotografias vistas no DEA, Brant reconheceu tanto Samuel Colflesh quanto J.T. Com seus 30 anos, bronzeados, louros e de boa aparência, tinham servido nas forças especiais de elite dos Estados Unidos na Tailândia. Depois de dispensados em meados da década de 70, voltaram-se para o tráfico de drogas.

Brant, porém, não conseguiu identificar Michael. Com 1,85 m, 82 quilos e cabeleira clara, ele usava na mão direita um anel com uma grande pedra de jade engastada em ouro.

A princípio, Samuel e J.T. falavam, enquanto Michael observava em silêncio. Por fim, ele disse:

– Em suas missões de desembarque anteriores você nunca foi interceptado pela Guarda Costeira? – perguntou, com sotaque britânico, bem-educado.

– Nunca – garantiu-lhe Brant. – Temos nossa própria doca.

Michael concordou com a cabeça.

Durante o encontro uma pergunta incomodava Brant: quem é 'a Raposa'?

Samuel Colflesh explicou o procedimento que seria adotado:

– Vamos amarrar seu barco atrás do nosso por uma corda. Minha tripulação passará o produto para balsas, lançando-as a você. O descarregamento feito dessa maneira levará cerca de dois dias.

Brant percebeu que a carga devia ser imensa.

Terminada a reunião, o iate levou os dois agentes de volta a Hong Kong.

– Parece que passamos em nosso primeiro teste – disse Brant a Witt, enquanto observavam o iate retornar ao mar.

Brant encontrou-se novamente com Michael, Samuel e J.T. algumas semanas depois. Dessa vez, reuniu-se a eles um americano chamado Brian Daniels. *Hippie* ultrapassado, casado com uma tailandesa bem relacionada, era ele o fornecedor. A maconha

* O nome foi modificado.

www.4tons.com.br

laosiana de primeira qualidade seria transportada do Golden Triangle em caminhões do Exército vietnamita e embarcada no litoral de Da Nang. Com 72 toneladas, seria o maior carregamento de maconha já levado para a Costa Oeste dos Estados Unidos.

– Daqui por diante – disse Samuel Colflesh a Brant – você será conhecido como Guido. Eu serei Haig e Michael, a Raposa.

Brant deveria instalar uma linha privada de fax pela qual eles pudessem informá-lo de que o navio estava a caminho. O agente concordou. O que ele não disse, porém, era que o fax estaria numa escrivaninha no escritório do DEA em Seattle.

Durante o encontro, uma pergunta incomodava Brant: *quem é Michael, a Raposa?* De volta a Blaine, Brant revirou seus velhos relatórios. E finalmente encontrou a resposta.

Dois anos antes, a alfândega canadense interrogara em inspeção de rotina Samuel Colflesh e um inglês que o acompanhava. O relatório continha também foto do passaporte do inglês. *É a Raposa!*, pensou Brant, exultante.

Seu nome completo era Michael Gleave Forwell, 43 anos. Suspeitava-se que ele viesse transportando maconha para os Estados Unidos nos últimos 14 anos. Mas as autoridades americanas pouco sabiam a seu respeito e deixaram que os dois homens seguissem caminho.

Olhando o relatório, Brant se perguntava: *será que dessa vez vamos pegá-lo?*

Batalha naval

– Enviem o maior barco que tiverem – instruiu Larry Brant a policiais da Guarda Costeira.

Sua missão: apreender o navio dos traficantes, o *Encounter Bay*, e pôr Michael Forwell fora de ação.

– Quando Samuel Colflesh perceber que vocês, e não eu, foram ao encontro dele, vai apelar para alguma ação desesperada – advertiu Brant. – Se ele fugir, temos de ser rápidos para apanhá-lo. Se ele resolver nos enfrentar, precisamos ser superiores em força.

E prosseguiu:

– O encontro com o navio será em um ponto cerca de mil quilômetros a oeste. As instruções dizem que, quando chegarmos a cerca de 160 quilômetros do navio, seremos informados pelo rádio do ponto exato para o descarregamento.

Poucos dias antes, o agente recebera a informação crucial de que precisava. Por várias semanas Brant não tivera notícias da organização de Forwell. Temia que tivessem descoberto quem ele era e cancelado a operação.

Então, em 25 de junho de 1988, o fax do DEA manifestou-se. Era uma mensagem de Haig. Michael Forwell estava a caminho.

Conforme fora instruído, Brant seguiu para o Red Lion Hotel, perto do aeroporto internacional de Seattle, onde deveria encontrar-se com Michael Forwell. Mas era J.T. quem o esperava, e lhe entregou um

www.4tons.com.br

rádio VHF portátil e um plano operacional de 15 páginas. Agora o DEA tinha a lista de pontos onde a droga seria entregue.

Em 28 de junho, o elegante cúter *Boutwell* de 3.250 toneladas, da Guarda Costeira, deslizou de seu ancoradouro no píer 36 de Seattle. Logo estava navegando pelo Oceano Pacífico à velocidade de 29 nós. A bordo encontravam-se 20 policiais, 148 tripulantes, um helicóptero e pequenos botes.

O cúter de 115 metros estava munido de duas metralhadoras 25 milímetros com mira de raios *laser* e um sistema de armas de 20 milímetros, para lançar granadas e balas traçadoras. Na proa havia um canhão de 76 milímetros usado principalmente como arma antiaérea.

Naquele instante, a cerca de 1.150 quilômetros dali, Samuel Colflesh olhava da ponte de comando do *Encounter Bay*. Mesmo com ondas de 15 metros, o navio conseguia manter velocidade de 16 nós e o convés na popa era do tamanho de uma quadra de tênis, ideal para transportar grandes quantidades de droga. Dos quatro dias gastos para aprontar o navio, quase um dia inteiro fora dedicado a embarcar um a um os fardos de maconha.

Michael Forwell comprara o navio por cerca de 3,5 milhões de dólares em nome da Royalville Corporation, empresa panamenha fundada em Londres e representada pela Fox Marine International, com sede nas Ilhas Cook. A Fox Marine tinha também um escritório de representação em Hong Kong, aos cuidados da empresa Trademax. Todas eram empresas de fachada, e tinham o objetivo de encobrir o rastro de Forwell.

Supernavio do Tráfico– Provido de esconderijos e antenas ocultas nos mastros, o *Encounter Bay* estava preparado para operações escusas.

A ponte de comando do *Encounter Bay* era equipada com os mais avançados sistemas eletrônicos e dois radares de última geração. Uma central de dessalinização e mais de 500 toneladas de combustível para alta velocidade davam a Colflesh e sua tripulação a possibili-

www.4tons.com.br

dade de atravessar o Pacífico sem parar. Antenas ocultas nos mastros e um sofisticado código de comunicação ajudavam o navio a passar despercebido na vastidão do oceano.

No meio da tarde do dia 30 de junho de 1988, o navio se aproximava da América do Norte. Logo chegaria o momento de chamar Brant e informar o ponto exato do descarregamento.

Colflesh ergueu os olhos. Acima dele um avião listrado de laranja, azul e branco circulava. O capitão do navio praguejou. Sabia exatamente o que estava vendo: um avião C130 de vigilância da Guarda Costeira.

Colflesh imediatamente mudou o curso e gritou pedindo força total na casa de máquinas. No entanto, era tarde demais. Uma hora e meia depois, viu um barco em sua tela de radar. Às 16h22 o *Boutwell* despontou no horizonte. Não demorou para que estivesse a apenas cem metros de distância, continuando a aproximar-se. Pelo rádio o capitão ordenou a Colflesh que parasse.

A resposta foi breve e desdenhosa.

– Você não tem autoridade para isso. Sou um navio panamenho em águas internacionais.

Mais uma vez o *Boutwell* ordenou que Colflesh parasse e se preparasse para abordagem. A essa altura, o cúter estava paralelo ao navio de tráfico. Mas o *Encounter Bay* não dava sinal de que iria parar.

No escritório da Guarda Costeira em Seattle, chegou um pedido do *Boutwell*: "Permissão para bombardear a proa do navio."

Minutos depois Colflesh soube a resposta quando uma grande explosão sacudiu o *Encounter Bay*. Ainda determinado, ele manteve o curso. O *Boutwell* se aproximava cada vez mais. Outro tiro de canhão caiu além da proa do *Encounter Bay*. Colflesh prosseguia.

Finalmente, pouco antes das 19 horas, uma mensagem ecoou através da água, vinda do *Boutwell*:

– Tire seu pessoal da casa de máquinas. Vamos imobilizar o navio.

Em seguida, uma sucessão de granadas abria buracos a bombordo do *Encounter Bay* e ricocheteava no interior da casa de máquinas.

Nesse momento, Michael Forwell ligou do telefone via satélite de sua base de comando em Cingapura.

– Michael, eles estão nos bombardeando de verdade! – berrou Colflesh. – A qualquer instante vão atingir as máquinas... O que quer *dizer* com não acredita em mim?!

Para não deixar dúvidas, Colflesh pôs o fone do lado de fora. A artilharia era ensurdecedora.

– *Agora* acredita em mim, Michael?

A linha estava muda.

Captura

A CASA DE MÁQUINAS e a ponte do *Encounter Bay* foram devastadas pela artilharia, antes de Samuel Colflesh render-se por fim. Em 13 de julho, o navio danificado foi rebocado para o Porto de

www.4tons.com.br

CORTESIA DA SCOTLAND YARD

Carga Ilícita– O agente Larry Brant (centro) inspeciona alguns dos 8.250 fardos de maconha encontrados a bordo do *Encounter Bay*.

Tacoma, ao sul de Seattle. Colflesh e sua tripulação foram levados sob custódia para terra firme.

Alguns dias depois, o agente Larry Brant subia sobre 8.250 fardos de maconha, embalados em sacos azuis à prova d'água. Todos tinham um selo com uma águia azul sobre a inscrição em letras vermelhas: INSPEÇÃO APROVADA.

Rasgando um dos fardos, Brant encontrou uma camada de polietileno, sob a qual havia uma caixa de papelão. Dentro desta, oito pacotes de um quilo de erva laosiana de primeira.

Transferida para caminhões militares, a maconha foi conduzida sob escolta de helicóptero para o Centro de Treinamento de Tiro de Yakima, do Exército, no leste de Washington. Os fardos levaram cinco dias e cinco noites para queimar.

As autoridades haviam apreendido a droga, mas sabiam que não tinham destruído a organização de Forwell e que estavam longe de pôr as mãos na Raposa. Para começar, não havia nenhuma prova contundente que ligasse Forwell ao *Encounter Bay*.

Brant voltou a bordo do navio à procura de pistas. Na cabine de Colflesh, ele viu um aparelho de fax. Perto deste uma bola de papel amassado estava caída no chão. Brant a abriu. Era um fax de Colflesh: URGENTE: URGENTE: URGEN-

www.4tons.com.br

TE: FAVOR PEDIR RAPOSA NOS LIGAR AGORA; FAVOR PEDIR RAPOSA NOS LIGAR AGORA.

Michael Forwell estava inseparavelmente vinculado ao *Encounter Bay*.

Pouco tempo depois, Larry Brant encontrava-se na sala de entrevistas do Instituto de Correção Kent, ao sul de Seattle. A seu lado, estava sentado o promotor-assistente Mark Bartlett, que olhava fixamente para Samuel Colflesh.

– Não preciso dizer que você corre o risco de passar uma longa temporada atrás das grades – disse Bartlett, inclinando-se para trás na cadeira.

Durante anos 'a Raposa' transportou maconha por mar para São Francisco nas barbas da Guarda Costeira.

Bartlett, 32 anos, cabelos escuros e boa forma física graças à prática de levantamento de peso, fazia parte de uma Força-Tarefa contra o Tráfico de Drogas Organizado, estabelecida para capturar a rede de tráfico da Raposa. Mas para agarrar Forwell, Bartlett e Brant sabiam que precisavam fazer Colflesh falar.

– Nós não somos traficantes de drogas – insistia Colflesh.

E começou a desfiar uma complicada história acerca de como a organização Forwell só estava transportando maconha a fim de financiar sua própria insurreição contra os comunistas no Laos e no Camboja.

– Vamos precisar de algo um pouco menos absurdo – disse-lhe Bartlett. – Se você não nos der algumas pistas reais, vai enfrentar um *mínimo* de dez anos.

Com isso, Colflesh viu-se sem argumentos. Pegou um pedaço de papel e escreveu uma série de números.

Em São Francisco, alguns dias depois, Brant e um colega digitavam o código da fechadura da porta de um armazém de quase 470 metros quadrados. O prédio, alugado para uma empresa de Hong Kong criada por Colflesh, era na verdade a central de distribuição para a Costa Oeste americana do império de maconha da Raposa.

– Parece um salão de exposição de veículos – disse Brant, olhando três caminhões Ford brancos estacionados ali dentro.

Em um deles os agentes acharam uma chave que, segundo Colflesh, abriria a porta de um *trailer* de 12 metros – grande o bastante para transportar dois automóveis – que se encontrava ali perto. Era nele que carregamentos de maconha no valor de milhões de dólares eram divididos em quantidades menores e transferidos para *vans*, que distribuíam a droga para a rede de traficantes de Forwell.

– Uau! – exclamou Brant, enquanto se encaminhavam para outros componentes da frota de Forwell: duas lanchas de corrida, *Kimono* e *Mariposa*. – Estas lanchas po-

www.4tons.com.br

dem desenvolver quase 150 km/h.

Como Colflesh explicou depois, Forwell concebera a idéia de carregar as duas lanchas com maconha e lançá-las diretamente da popa do *Encounter Bay*, como aeronaves decolando de um porta-aviões.

Forwell oferecera-se para fazer a primeira tentativa na costa da Califórnia. Ele e Colflesh fizeram o percurso de mais de 240 quilômetros do navio ao litoral em oito horas. E desfilaram sob a Ponte Golden Gate de São Francisco a mais de 95 km/h, em plena luz do dia, passando a carga abertamente para os caminhões brancos.

A Raposa cercou a bravata com meticulosa organização. A qualquer sinal de atividade da polícia, equipes de vigias na costa alertariam as lanchas para ancorarem em outras praias. Eles atirariam a droga ao mar e despiriam as roupas de competição, revelando paletós, camisas e gravatas de executivos que usavam por baixo. Equipes de fuga então iriam ao encontro dos dois e os ajudariam a escapar em motocicletas.

O cuidadoso planejamento de Forwell valeu a pena. Nada saiu errado. Durante dois anos ele transportou maconha por mar para São Francisco nas barbas da Guarda Costeira, sem nunca ser apanhado.

Espetáculo Aquático– A poderosa lancha de Forwell passa, veloz, sob a Ponte Golden Gate.

Enquanto percorria o armazém, o agente Brant compreendeu o quão detalhista esse traficante era. *Não encontraremos impressões digitais aqui*, pensou ao ler um aviso numa

© STEVE PROAHL/ENTREPÔTLINK PTE LTD

www.4tons.com.br

parede: "Usar luvas o tempo todo."

A Raposa tampouco deixara rastros em Hong Kong. Logo após a apreensão do *Encounter Bay*, a polícia deu uma batida nos escritórios da empresa Trademax, de Forwell. Tinham limpado tudo.

Aos poucos as autoridades começaram a avançar nas investigações. Brian Daniels, o *hippie* ultrapassado, foi preso na Suíça *lavando* seu dinheiro. J.T. entregou-se, poupando às autoridades americanas o lento processo de extradição da Tailândia. Levado a Seattle para o interrogatório, contou a Bartlett que poucos dias após a apreensão da droga, ele encontrou-se com Forwell em Bangcoc.

– Vou desaparecer – disse-lhe Forwell. – Eles vão ter de me pegar.

Enquanto interrogava J.T., Bartlett recebeu uma mensagem da polícia australiana. Forwell estava no país liquidando terrenos e propriedades. A casa de sua mãe, em Cairns, Queensland, estava sendo vigiada.

– Nós o apanhamos! – exclamou o promotor-assistente.

Mas, quando a polícia chegou, a Raposa havia escapado mais uma vez.

Negócio inacabado

QUATRO ANOS após a apreensão do *Encounter Bay*, Mark Bartlett deveria sentir-se um homem feliz. Além de pôr Brian Daniels, Samuel Colflesh e J.T. atrás das grades, o promotor-assistente processara com sucesso 46 membros de outro grupo de tráfico de maconha baseado na Tailândia. Ele quase liquidara o tráfico de drogas da Ásia para a Costa Oeste americana. Mas a Raposa, com duas indiciações federais pendentes contra ele, ainda estava livre. E a mente ordeira do promotor odiava casos que teimavam em permanecer abertos.

Larry Brant tinha se aposentado e a maior parte da equipe do DEA que cuidara do *Encounter Bay* ocupava-se de casos mais recentes. Bartlett requisitou o único homem que sabia ter a tenacidade para achar Forwell e encerrar o caso.

Os dois encontraram-se no escritório de Bartlett, no outono de 1992.

– Ele está por aí em algum lugar – disse Bartlett, referindo-se à Raposa.

Do outro lado de sua mesa, um homem atlético, com cabelos louros rareando, ouvia-o com atenção. O agente especial Fran Dyer, 47 anos, era perito em casos de tráfico de drogas, *lavagem* de dinheiro e fugas. Iniciara a carreira de 26 anos como agente de contra-espionagem no Departamento de Investigações Especiais da Força Aérea dos Estados Unidos, rastreando criminosos no Vietnã.

Dyer deixou a vida militar para ingressar na Promotoria de Seattle como investigador de casos de corrupção e fraude, depois se transferiu para o Departamento de Tesouro dos Estados Unidos como agente especial.

Dyer vasculhou tudo que pôde sobre Forwell: hábitos, personalida-

www.4tons.com.br

de, amigos, lugares que ele freqüentava. No entanto, apesar da obstinação do agente, a pista parecia perdida. O tipo de informação de que precisava somente alguém de dentro da organização poderia fornecer.

Não muito tempo depois desse encontro com Bartlett, Dyer viu-se apertando a mão de Samuel Colflesh, na Promotoria de Seattle. Era dezembro de 1992 e o traficante fora libertado no dia anterior sob a condição de ajudar as autoridades americanas. Era a maior esperança de Dyer.

– Deve ser bom recomeçar a vida – comentou Dyer.

Colflesh assentiu com a cabeça, sombriamente.

O agente tentou quebrar o gelo:

– Sei que isso é difícil para você, mas posso ajudá-lo a pôr a vida nos trilhos de novo. – Fez uma pausa, esperando suas palavras assentarem. – Em troca, estou pedindo que entregue seu comparsa. Preciso encontrar Forwell.

Então Colflesh disse:

– Não é tanto uma questão de saber *onde* Michael está, mas sim *quem* é Michael.

Dyer esperou. Sentiu que atravessara o primeiro portão.

– Quer saber tudo desde o início? – perguntou Colflesh.

O agente fez que sim com a cabeça.

– Michael vem de uma família britânica de classe alta – começou Colflesh.

E então contou todo o resto. Michael Gleave Forwell nasceu em Burnham, Buckinghamshire, Inglaterra, em 1944, filho de um tenente-aviador da RAF que emigrou para Queensland, na Austrália, depois da 2ª Guerra Mundial.

Ainda menino quando o pai morreu, Michael foi educado na Austrália e em Cingapura, onde a família tinha negócios. Em 1973, havia se estabelecido perto de Cairns, na costa nordeste da Austrália. Aos 29 anos era um aventureiro frustrado, quando se encontrou com o *globe-trotter* americano Robert Lietzman.

Aos 29 anos era um aventureiro frustrado, quando se encontrou com um conhecido traficante.

Dyer ficou alerta. Sabia que Lietzman fora um dos mais famosos traficantes de drogas dos Estados Unidos e que morrera misteriosamente num desastre de helicóptero em 1985.

Lietzman era procurado pela polícia australiana e precisava sair do país. Forwell possuía um veleiro e Lietzman pediu sua ajuda.

Forwell levou-o para a Tailândia, onde o americano possuía um cabaré na zona de prostituição de Bangcoc. O clube noturno servia de fachada para um negócio muito mais lucrativo: contrabando de drogas. Não demorou para que os dois homens se tornassem sócios.

A habilidade da Raposa como marinheiro, combinada à capacida-

www.4tons.com.br

de de Lietzman para obter maconha de todo o Sudeste Asiático, tornou-os uma dupla formidável.

Forwell transportava a droga em barcas da Tailândia para Cingapura, onde era escondida em caixas de peixes vivos mantidos na água, que então eram levadas de avião para São Francisco, aparentemente destinadas a restaurantes.

– Se dependesse de Lietzman, eles teriam usado peixe artificial – contou Colflesh. – Mas Michael insistiu para usarem peixe de verdade e chegou a se tornar especialista em variedades exóticas de peixes tropicais.

Era esse perfeccionismo que permitia a Forwell manter-se à frente das autoridades.

Nadando em dinheiro, a Raposa comprou uma casa em Cingapura. Ele e Lietzman também adquiriram uma barcaça de 55 metros, na qual construíram luxuosa residência de três andares.

Quando Colflesh e J.T. juntaram-se ao grupo em 1980, Michael Forwell dividiu a organização em células que operavam de forma independente. Bangcoc, onde a droga era obtida, tornou-se o Controle de Comando Norte. O Controle de Comando Sul (em Cingapura) e o Controle de Comando Central (em Hong Kong) encarregavam-se do embarque e da *lavagem* do dinheiro.

Forwell, Colflesh e J.T. coordenavam cuidadosamente as atividades da organização. Durante as operações, falavam em código através de telefones portáteis seguros, que jogavam fora após cada chamada.

Logo Forwell tinha à sua disposição uma pequena frota, que incluía uma barcaça de desembarque e um cargueiro. Nas horas vagas, ele circulava entre os apartamentos e as casas de sua propriedade em Cingapura e Hong Kong. Tinha um patrimônio de milhões de dólares.

– Criamos nosso mundo com suas próprias regras – disse Colflesh.

Vida de excessos

O ANTIGO PARCEIRO de Forwell pintou o retrato de um homem tão ostentador na vida quanto meticuloso nos negócios.

– Michael comportava-se como um aristocrata – explicou Colflesh. – Fumava cigarro com piteira e usava um grande anel de jade. Desenhou também um buda de jade para um broche cravejado de diamantes, que usava na lapela para que as pessoas perguntassem o que era. Seus ternos e sapatos eram feitos sob medida em Londres.

E prosseguiu:

– Ele me ensinou como agir nos melhores restaurantes do mundo. Eu era um garoto pobre e ingênuo, que acabara de sair do Exército. Para mim, Michael parecia um rei.

Forwell podia ser impetuoso e ousado. Certa noite, em Nova York, em 1980, ele folheava uma revista sobre barcos quando viu o anúncio do *Delfino II*, um iate de 40 metros que custava mais de um milhão de dólares. Então pegou o telefone e ligou para os proprietários:

www.4tons.com.br

– Acabo de comprar seu barco.

Ancorando-o em Miami Beach, Forwell mandou decorar o banheiro da suíte com mármore e azulejos italianos. Os acessórios tinham acabamento em ouro de 24 quilates.

Quatro milhões de dólares depois, o *Delfino II* tinha *jet skis*, barcos esportivos, equipamentos de pesca e mergulho, plataforma de pouso e helicóptero. E autonomia para permanecer no mar durante seis meses.

– Para Michael, o dinheiro saía com a mesma facilidade com que entrava – contou Colflesh.

Certa vez, quando suspeitou de furto, Forwell enfileirou a tripulação no convés e lançou 5 mil dólares em notas de cem ao mar, gritando que o dinheiro nada significava em comparação à lealdade que esperava deles. Numa outra ocasião, em Miami, divertiu-se tanto dançando com amigos num restaurante que contratou o conjunto da casa para tocar a bordo do iate pelo resto da noite.

Forwell acabou se aborrecendo com essa vida de lazer e decidiu que era hora de voltar ao trabalho. Em 1985, vendeu o *Delfino II* e comprou o *Encounter Bay*.

Dentro de um ano estava milhões de dólares mais rico, traficando maconha e ainda testando seus limites. Em sua operação mais audaciosa, desviou seus negócios de São Francisco para a Costa Leste, usando o *Encounter Bay* a fim de transportar a droga da Indonésia para Nova York, via Sri Lanka, Roterdã e Londres. A droga era escondida em carretéis de aço de cinco toneladas e seis metros de comprimento, em torno dos quais se enrolavam cabos para rebocar navios, de fabricação britânica. Forwell apostava que a alfândega dos Estados Unidos jamais embargaria carga vinda do Reino Unido com os dizeres "equipamentos marítimos em trânsito". E estava certo. Enquanto ele observava, as autoridades mandaram-no seguir.

Um ponto, porém, ainda intrigava Dyer.

Um ator com muitos papéis

Crédito Falso – Forwell usava vários cartões e identidades para apagar pistas.

© ENTREPÔTLINK PTE LTD

www.4tons.com.br

– Como vocês tiravam o dinheiro dos Estados Unidos? – perguntou a Colflesh.

Uma das maneiras era através de uma empresa chamada Fast Lane Express, que Forwell criou nos Estados Unidos. Todos os anos ela inscrevia um carro numa prova automobilística na Ásia. Parecia um carro de Fórmula Um, mas em seu interior havia apenas um motor de *kart*. O espaço restante era preenchido por dinheiro.

O carro ia para Hong Kong por via aérea, mas isso era o mais próximo que chegava do *grid* de largada. Lá o retiravam da corrida e removiam o dinheiro.

A base do assento do capitão no *Encounter Bay* era projetada para que pudesse esconder 750 mil dólares. Mais dinheiro saía dos Estados Unidos em elegantes malas Louis Vuitton despachadas para os melhores hotéis de Hong Kong, onde esperavam a chegada de Forwell. Dentro delas estavam ternos feitos à mão, forrados com centenas de bolsos secretos cheios de dinheiro. Forwell *lavava* o dinheiro em contas bancárias na Suíça, em Hong Kong, em Cingapura e nas Ilhas Cook.

Não contente em ser traficante, ele usava seu navio capitânia para realizar transações legítimas. Entre remessas de drogas, transportava equipamentos marítimos e rebocava cruzadores para a Marinha chilena.

Mas havia um lado mais convencional de Forwell. Em 1979, ele casou-se com May Yoong Ong, chinesa de 26 anos, assistente de vendas numa loja de departamentos de Cingapura. Ele a cobriu de jóias e diamantes, mas nunca tiveram uma união estável.

– Michael bebia pelo menos uma garrafa de gim ou vodca por dia – Colflesh disse a Dyer – e ele e May discutiam com freqüência.

Durante um jantar os Forwells tiveram uma briga diante dos convidados. Michael puxou a toalha, lançando talheres, porcelanas e comida pela janela do apartamento, que ficava no 16º andar.

A despeito de tudo isso, ele era um pai dedicado. O casal tinha uma filha e dois filhos, que ele adorava.

– Espanta-me que ele não tenha tentado ver os filhos – comentou Dyer.

– Quem disse que não? – replicou Colflesh. – Talvez vocês devessem procurar por Michael Stocks, Michael Escreet, Rodney Wayne Boggs ou Wayne Bernard.

Forwell adotara essa série de identidades a partir de duplicatas de certidões de nascimento de pessoas mortas, que usava então para tirar passaportes. Elas o ajudavam a apagar seu rastro, permitindo-lhe entrar num país como uma pessoa e sair como outra. Essas identidades apareciam também em relatórios para a rede de empresas de fachada que ele criara.

– Michael nunca viaja sem pelo menos dois passaportes, com os correspondentes cartões de crédito e

www.4tons.com.br

carteiras de motorista – explicou Colflesh. – Ele compra passagens de primeira classe com seis meses de antecedência, mas geralmente muda no último instante para outra empresa aérea, que então substitui as passagens por outras com novos números de série. Como seguir a pista de alguém assim?

Chamada para a Scotland Yard

COLFLESH contou a Dyer que acreditava que Forwell estivesse escondido no Sudeste da Ásia, mas a busca empreendida na região não teve resultado. A Raposa continuou a enganar o obstinado agente até janeiro de 1993. Não passava de um fragmento de informação, mas Dyer sabia que poderia ser vital. A Polícia Federal australiana contou-lhe que um de seus informantes supunha que Michael Forwell pudesse estar em Londres.

Dyer telefonou para o Grupo de Crime Organizado Internacional, da Scotland Yard, e falou com o sargento-detetive David Jones. Como Dyer, o policial Jones, 40 anos, conhecia a importância dos detalhes. Passara a maior parte de seus 20 anos na polícia solucionando homicídios antes de ir para a Scotland Yard, em 1992.

– Temos suspeita de que Forwell pode estar morando no noroeste de Londres com o nome de Michael Charles Young – informou-lhe Dyer. – Pode checar isso?

Baixo e corpulento, com um lacônico senso de humor e sotaque galês, Jones também participou da investigação de roubos, assaltos e homicídios ligados ao tráfico de drogas durante os 18 meses da operação que liquidou as gangues asiáticas de traficantes em Londres. Como Forwell, os membros dessas gangues conseguiam passaportes por meio de fraudes – razão por que Jones conhecia bem os arquivos da Agência de Passaportes Britânicos.

Ele também sabia que aquela busca nos arquivos era uma tarefa desanimadora. Aproximadamente 3 milhões e meio de passaportes eram emitidos a cada ano no Reino Unido, relacionados apenas por nome e data de nascimento. Pior ainda, antes de 1988 o arquivo não estava computadorizado.

Jones e um colega começaram a pesquisa dos formulários de todos os passaportes emitidos em 1988, procurando algum Young. Nada encontraram. Jones atacou então o ano de 1987, novamente sem resultado. Ao chegar a 1986, dois anos antes de o *Encounter Bay* ser apreendido, fazia já vários dias que estava pesquisando formulários de passaportes.

Enquanto examinava as fichas do mês de janeiro, sentia-se como um maratonista sem esperança de algum dia completar a corrida. Então um nome manuscrito com nitidez em tinta preta lhe saltou aos olhos: Michael Charles Young.

Na ficha, Young dizia-se nascido em Preston, na Inglaterra, em 1947,

www.4tons.com.br

e como profissão indicava funcionário público. Jones virou rapidamente a página. Uma fotografia em preto e branco encarava-o. O rosto cheio esboçava um sorriso presunçoso. O detetive a comparou com a foto colorida de Forwell que Fran Dyer lhe enviara. Eram da mesma pessoa.

Ligou para Seattle.

Enfim, uma pegada na trilha

© ENTREPÔTLINK PTE LTD

Rastro da 'Raposa' – A obstinada busca no arquivo revelou uma das identidades de Forwell.

– É Forwell, com certeza – disse a Dyer. – Agora, tudo o que temos de fazer é encontrá-lo.

Mas, com o passaporte tirado em 1986, Forwell tinha seis anos de vantagem. Jones começaria pelo endereço que constava no formulário.

O número 18 da Manchester Street, que Forwell/Young fornecera como endereço de sua residência, era uma casa de cinco andares, em estilo georgiano. Ao lado da grande porta de entrada em madeira escura almofadada, havia um interfone com vídeo e 13 botões numa placa de bronze.

O detetive tentou os botões. Não havia ninguém em casa. *Provavelmente é apenas um endereço para correspondência*, pensou Jones.

O passo seguinte foi uma busca de cartões de crédito, quando Jones encontrou um cartão Visa em nome de Michael Charles Young. Uma visita ao endereço da conta deu em nada.

Procurando um detalhe revelador, Jones passou os olhos pelas compras de Young no cartão de crédito. Uma das mais recentes tinha sido feita num posto de gasolina no noroeste de Londres. Jones foi até lá e perguntou se ainda existia a fita de vídeo que registrara o dia em que o cartão Visa de Young fora usado.

Enquanto o vídeo passava, Jones anotava a placa dos carros que usaram a mesma bomba que Young. Um deles era um Volvo prateado. A câmera registrara inclusive o motorista. As feições não estavam nítidas mas, pelos cabelos negros na altura dos ombros, tratava-se claramente de uma mulher.

Quando Jones digitou o número

www.4tons.com.br

de registro do Volvo no computador do Departamento de Licenciamento de Veículos e Motoristas em Swansea, obteve um endereço: 351 West End Lane, Londres.

– Talvez estejamos chegando a algum lugar – informou Jones a Dyer em um de seus telefonemas diários para Seattle.

O covil da 'Raposa'

ALGUNS DIAS mais tarde, Jones seguiu diretamente para a West End Lane, uma rua margeada por árvores, com casas amplas, lojas e edifícios residenciais. Na esquina de Cannon Hill, ele avistou o Volvo prateado, estacionado em frente a uma casa de quatro andares – número 351.

A vizinhança o surpreendeu. Jones imaginara que Forwell estivesse morando num lugar bem mais luxuoso.

O andar térreo do número 351 era uma loja de antiguidades. Acima das quatro grandes vitrines, o nome "Dream Street Designs, Arts and Antiques" destacava-se em letras douradas floreadas.

Nesse dia, Jones e uma dupla de policiais à paisana começaram a se revezar na vigia da casa. Na manhã seguinte, a porta da frente se abriu e três crianças saíram: a menina aparentando 10 anos e dois meninos mais novos.

A mulher que os acompanhou até o carro era uma asiática na casa dos 30. Jones reconheceu os cabelos negros que vira no vídeo do posto.

– Vou segui-la – avisou por rádio aos colegas. – Fiquem onde estão.

Durante 20 minutos Jones seguiu o Volvo em meio ao trânsito congestionado. Por volta das nove horas estavam se aproximando do distrito londrino de Hampstead Heath quando o Volvo ligou a seta da direita e entrou numa alameda. Jones viu o carro passar por uma guarita e entrar na King Alfred School. Um telefonema para a tesouraria da escola confirmou que os filhos de Young freqüentavam a escola particular e cara desde setembro de 1992.

Mais tarde, numa ligação para Seattle, Jones percebeu o entusiasmo na voz de Fran Dyer:

– Excelente trabalho, David! Pela descrição, parece que você encontrou May Ong Forwell. Se Michael não está morando no 351, deve estar por perto.

Animado, Jones intensificou a vigilância. Ele e seis colegas observavam o número 351 da West End Lane 24 horas por dia, sete dias por semana.

Revezavam-se para seguir May Forwell. A maior parte dos dias, após deixar as crianças na escola, ela ia para o West End, proporcionando-lhes inadvertidamente um passeio turístico pelas melhores butiques e os melhores restaurantes de Londres. De Michael Forwell, nem sinal.

Depois de quase três semanas naquela rotina, Jones estava ficando frustrado. Sabia que não poderia

www.4tons.com.br

manter aquele tipo de vigilância indefinidamente. *Forwell é louco pelos filhos*, pensou. Sua total ausência da residência da família era desconcertante. *Talvez nem esteja no país.*

Na hora do almoço do vigésimo dia, uma grande *van* branca parou em frente ao número 351. Um homem alto e forte, vestindo *jeans* e suéter leve, saltou de trás do volante.

Mesmo com binóculo, Jones não conseguiu ver bem seu rosto. Mas a altura, a compleição e o cabelo correspondiam exatamente. *Será ele?*, perguntou-se o detetive.

'Vou seguila', Jones avisou aos colegas. 'Fiquem onde estão.'

O homem entrou na loja. Poucos minutos depois, saiu. Agora a *van* obstruía a visão. Quando o motorista assumiu seu lugar ao volante, Jones mais uma vez não conseguiu uma boa visão de seu rosto.

Ele tinha de tomar uma decisão rápida. E se fosse realmente Forwell? *Talvez nunca mais cheguemos assim tão perto dele.* Mas ousaria pôr em risco toda a investigação prendendo o homem errado?

Jones tomou a decisão e passou um rádio para seus homens:

– Fiquem onde estão!

O agente cerrou os punhos quando a *van* se afastou.

Dois dias mais tarde ela estava de volta. Dessa vez o motorista era um asiático de seus 30 anos. Quando o veículo deixou o número 351, Jones o seguiu. A *van* parou ao lado de uma casa ampla, a meio caminho entre a West End Lane e a King Alfred School, exatamente no tipo de bairro abastado que Jones imaginara como local da residência de Forwell.

Mas, em vez de entrar na casa, o motorista saltou do veículo e seguiu rapidamente por uma alameda. Deixando dois policiais para vigiar a casa, Jones correu atrás do asiático a pé. Durante dez minutos perseguiu o homem através do labirinto de ruas do bairro.

Então chegou a uma via que reconheceu – voltara ao ponto de partida: a West End Lane. O asiático entrou pela porta do 351 e a fechou.

– Estamos seguindo sombras, Fran – admitiu Jones mais tarde, resumindo a exasperante experiência para o colega.

– Se ele esteve lá uma vez – afirmou Dyer –, voltará. A propósito, David, tenho uma informação que pode interessar a você. Samuel Colflesh me disse que uma das formas de Michael Forwell *lavar* o dinheiro do tráfico de drogas é comprar e vender antiguidades. A coleção de porcelana oriental de Forwell vale centenas de milhares de dólares. Até onde sabemos, ele ainda a possui.

Jones então traçou um plano. Enviou uma detetive fingindo-se de compradora para a Dream Street Designs. O que ela encontrou na loja não foi porcelana oriental mas móveis ingleses de carvalho e pinho.

Se é esse o tipo de artigo que ele está negociando, onde o compra?, ponde-

www.4tons.com.br

rou Jones. E concluiu que já era hora de mudar sua investigação para outra parte de Londres.

Rosto na multidão

– Se o avistarem, não façam nada. Apenas peçam ajuda por rádio – disse David Jones aos três colegas que havia persuadido a sacrificar a folga naquele domingo de sol.

Eram somente nove da manhã, mas Camden Lock, ao norte do Regent's Park, em Londres, já era o costumeiro mosaico frenético de barracas de roupas, livrarias, bancas de tarô e artistas de rua. Jones estava ali pelo mesmo motivo que atrai muitos dos 200 mil visitantes por semana às vielas pavimentadas de pedras e seus velhos armazéns adaptados: antiguidades.

Enquanto abria caminho lentamente pela multidão, às vezes seguia o fluxo, entrando e saindo de lojas e barracas. Depois se afastava, tentando examinar os rostos no cenário em constante mudança.

Uma hora depois, o policial deixara para trás a multidão, dirigindo-se a uma rua ali perto. Seus pés doíam. Jones teve de admitir que aquilo parecia inútil.

Então avistou uma arcada com o nome THE STABLES escrito em letras douradas. Passando debaixo dela, chegou a um beco sem saída ladeado de armazéns vitorianos.

Uma grande tabuleta na parede de um armazém anunciava: "Móveis de Carvalho Restaurados". O cavernoso andar térreo era dividido em compartimentos. Na ponta dos pés, Jones olhou à sua volta. Na extremidade oposta, viu dois homens conversando. Um deles era alto, desenvolto e sorridente.

David Jones compreendeu que estava olhando para Michael Forwell.

O policial saiu rapidamente e usou o rádio. Em questão de minutos, quatro policiais estavam no armazém com ele. Enquanto se encaminhava para a Raposa, Jones pensava: *Não vou deixar transparecer que sei quem ele é.*

– Michael Charles Young?

– Eu mesmo – respondeu o homem com um sorriso intrigado.

– Sargento-detetive David Jones, da Scotland Yard. Você está preso por porte de passaporte falso.

Forwell parecia despreocupado. Deu de ombros e acompanhou o policial até a rua.

Jones havia enviado mensagem de rádio à Scotland Yard pedindo que três policiais fossem encontrá-lo no número 351 da West End Lane. Durante o trajeto, Forwell olhava pela janela do carro sem dizer nada.

Quando a polícia entrou na casa, viu que era bem mobiliada mas sem ostentação. Na espaçosa sala de estar, encontraram May Ong Forwell, as crianças e outro casal asiático. Jones reconheceu o motorista da *van* que havia seguido.

Quando o detetive disse a May Ong que pretendia dar uma busca na casa, o rosto da mulher não mostrou o menor sinal de emoção.

www.4tons.com.br

Os detetives iniciaram o trabalho. Jones não encontrou pistas na loja. Então foi para o porão, que ocupava toda a extensão da casa. Era um misto de escritório e refúgio. Havia bicicletas de criança estacionadas perto de uma grande escrivaninha de carvalho, sobre a qual se empilhavam papéis, livros de contabilidade e arquivos. Para Jones, o lugar pareceu mais promissor.

Forwell seguira a polícia até o porão. Encostou-se em um arquivo de aço e fumou um cigarro. Enquanto observava a investigação, sua expressão oscilava entre leve divertimento e tédio estudado.

Nesse momento, Jones notou um mapa mal dobrado, apertado entre dois volumes numa estante. Quando estendeu a mão para pegá-lo, percebeu que os olhos de Forwell de repente se fixaram nele, como se quisesse que voltasse a atenção para outro objeto.

Jones apanhou o mapa. Era da Gold Cost, em Queensland, onde Forwell fora criado. Parecia estranhamente pesado. Jones o desdobrou e encontrou ali dentro 11 carimbos de passaporte. Ainda cobertos de tinta, estava claro que tinham sido usados com freqüência. Via-se que eram falsificações perfeitas.

Com um meio sorriso, Jones ergueu os olhos para o criminoso.

– Michael, sei exatamente quem você é. Está preso por tráfico de drogas.

Os ombros de Forwell se curvaram. Mas, quando chegaram à sala de entrevistas da delegacia em Bow Street, a arrogância da Raposa ressurgira. Ele se recusou a ligar para o advogado e a responder às perguntas.

– Nada tenho a esconder, Jones, portanto nada tenho a dizer – afirmou, sorrindo desdenhosamente. – Você cometeu um enorme engano.

Às 4h30 da madrugada do dia 1º de março de 1994, em Seattle, Fran Dyer foi despertado pelo telefone. Assim que ouviu a voz de Jones, soube do que se tratava.

– Você o pegou! – gritou Dyer, pulando da cama.

Vestiu-se e foi para o escritório. Enquanto preparava a requisição para a extradição de Forwell, pensou: *Mal posso esperar para contar a Mark Bartlett.*

Fraude: chave para os crimes

CORTESIA DA SCOTLAND YARD

Perfeição Artística – Os selos de inspeção e os passaportes eram habilmente falsificados.

www.4tons.com.br

Mas a história ainda não havia acabado.

A companheira da 'Raposa'

As portas do elevador revestido de madeira abriram-se no segundo andar do Washington Athletic Club, hotel e clube esportivo de Seattle. Fran Dyer viu um homem de sua altura aproximada sair carregando quatro malas.

– David Jones! – exclamou, adiantando-se para apertar a mão do colega. – O que você tem nessas malas?

– Provas – respondeu Jones, enquanto iam tomar o café da manhã.

Jones explicou que, no dia da prisão de Forwell, havia retirado um *caminhão* de documentos do número 351 da West End Lane. Chegando à Scotland Yard, ele não pôde acreditar em sua sorte, enquanto examinava o achado: passaportes falsos em nome de Young, Stocks, Escreet e Boggs, que, segundo cálculos seus, Forwell usara em cerca de 500 idas e vindas à Inglaterra desde 1990. Ele falsificara a assinatura de um membro do Parlamento nos formulários de requisição dos passaportes, para que não fossem verificados com muito rigor.

Além disso, quanto mais Jones mergulhava na papelada, mais se convencia de que May Ong não era a inocente dona de casa que aparentava ser. A casa, comprada em 1991 por 619 mil dólares em espécie, estava em seu nome. Havia um grande número de cartas de May Ong endereçadas a advogados em Londres, Hong Kong e Cingapura, instruindo-os sobre transferências de dinheiro e criação de empresas na Ásia e nas Ilhas Virgens Britânicas.

Jones enviou muitos desses documentos por fax para Dyer, e este lhe disse que essas corporações eram de fachada, destinadas a *lavar* dinheiro. Pelos extratos bancários, parecia que era May Ong, e não Michael, quem vinha movimentando milhões através de 30 contas bancárias no mundo todo.

Jones disse a Dyer, durante o café, que May Ong estava a par das atividades do marido. Quando Forwell foi informado do processo de extradição, depois de preso, Jones notou que ela não se encontrava no tribunal. O detetive logo descobriu que May Ong tinha reserva para um vôo naquela noite com destino a Cingapura.

– Temos de agir depressa – disse ele.

Antes que ela conseguisse deixar o país, Jones prendeu e acusou May Ong Forwell por *lavagem* de dinheiro. Ela foi solta sob fiança, mas as autoridades retiveram seu passaporte.

– Se conseguirmos evidências fortes para provar que May Ong sabia como Michael ganhava dinheiro e que estava ativamente envolvida em seus negócios, então poderemos condená-la por beneficiar-se do tráfico de drogas – explicou Jones a Dyer.

Os dois policiais foram falar com Mark Bartlett.

– Estamos maravilhados com a

www.4tons.com.br

forma como encontrou Forwell! – disse o promotor-assistente a Jones.

Então Dyer surpreendeu o detetive galês ao anunciar:

– Há alguém mais que eu gostaria que você conhecesse.

Por ordem de Dyer, Samuel Colflesh, familiarizado com as operações de Forwell, viera de Cingapura para um encontro.

Jones mostrou a Colflesh duas folhas de papel que encontrara no número 351 da West End Lane. Pareciam balancetes com listas de nomes, mas, para os dois detetives, não faziam muito sentido.

PRÓXIMO MÊS

UM NOVO OLHAR SOBRE OS OVNIS

A verdade está lá fora – em algum lugar. De 701 casos inexplicados, alguns poderiam ter origem extraterrestre.

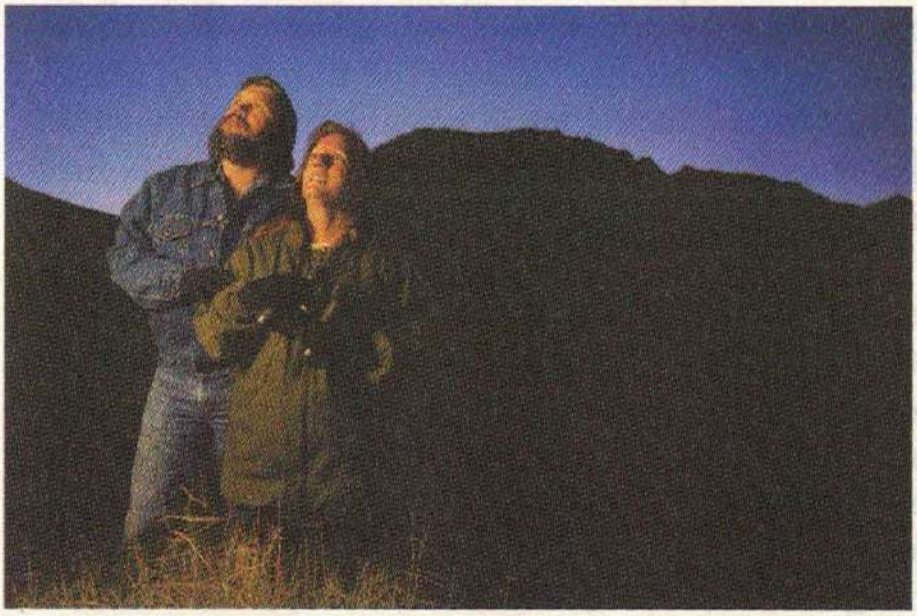

FOTO: © GREG CAVA

MAIS

REMODELE SEU CORPO COM SEIS EXERCÍCIOS SIMPLES

Ao contrário de outros programas de perda de peso, o treinamento de resistência não deixa ninguém resfolegando e oferece surpreendentes vantagens.

A MÃE QUE VEIO DO CIBERESPAÇO

O novo computador de Eric seria capaz de resolver o mistério de seu nascimento?

EM BUSCA DO 'HOMEM DE LATA'

Os corpos encontrados na baía, em decomposição, pareciam pertencer a três mulheres jovens. Ao examinar as evidências, o detetive não teve dúvidas: o mal caminhava pelo mundo sobre duas pernas.

O ÚLTIMO REFÚGIO DO DRAGÃO DE KOMODO

A ciência é a única esperança para esse feroz predador.

www.4tons.com.br

– Essa é a contabilidade de lucros e perdas que preparei para nosso projeto de 1987, que levava por mar o produto para São Francisco – explicou Colflesh.

Os nomes eram referências codificadas a traficantes nas costas Leste e Oeste dos Estados Unidos, que distribuíam a maconha, e aos tripulantes do *Encounter Bay*.

O melhor ainda estava por vir. Colflesh trouxera de Cingapura uma grande pasta preta. Ele a abriu, revelando pilhas de envelopes pardos. Ali dentro havia cartas, fax e outros documentos, organizados em ordem cronológica.

Durante um dia e meio, o ex-traficante relatou a Jones tudo a respeito da organização de Forwell e do papel que May Ong desempenhava nela. Colflesh estava na casa de Forwell em Cingapura quando chegaram caixotes de dinheiro. Ele vira May Ong contá-lo. E, com conhecimento de causa, depositá-lo em diversas contas bancárias.

– Ela sabia exatamente o que Michael fazia – insistiu ele. – Sua preocupação era conseguir dele dinheiro bastante para comprar jóias, propriedades, tudo que lhe garantisse o futuro.

– Você diria isso no tribunal? – perguntou-lhe Jones.

– Sim, senhor.

De volta a Londres, Jones entrevistou May Ong Forwell.

– Sou apenas uma dona de casa inocente – disse-lhe ela repetidamente. – Eu não sabia nada sobre os negócios de meu marido. Só fazia o que ele me mandava fazer.

No entanto, uma pequena investigação revelou provas incriminadoras: May Ong instruíra um membro da família para transferir 390 mil dólares de Hong Kong para um banco em Cingapura. E, segundo um informante, May Ong tentara conseguir que uma firma de advocacia falsificasse documentos para mostrar que a casa de número 351 da West End Lane fora comprada com dinheiro da herança deixada pelo avô de Michael.

Em abril de 1994, May Ong Forwell foi a julgamento. Samuel Colflesh passou dois dias e meio no banco de testemunhas, detalhando os métodos de May Ong Forwell para *lavagem* do dinheiro. Em 29 de julho de 1994, ela foi sentenciada a três anos de prisão. Bens no valor de 1,1 milhão de dólares, incluindo a casa da West End Lane, foram confiscados.

Dyer telefonou de Seattle para Jones a fim de cumprimentá-lo, acrescentando:

– Agora falta apenas uma peça em nosso quebra-cabeça.

O HELICÓPTERO sobrevoou a prisão de Belmarsh, sinalizando a chegada de um destacamento fortemente armado do Grupo Especial de Escolta, designado para levar Michael Forwell ao Aeroporto de Heathrow. Eram 29 de julho de 1994, mesmo dia em que a mulher de Forwell, May Ong, foi condenada. Forwell

www.4tons.com.br

levara sua luta contra a extradição para a Suprema Corte, mas perdera.

Durante o vôo para os Estados Unidos, o prisioneiro nada disse. Sua chance de falar ocorreu dois dias depois da chegada a Seattle. Forwell entrou na pequena sala de depoimentos do Departamento de Polícia, ali perto, em Tacoma, vestindo macacão azul. Em suas costas lia-se a palavra PRISIONEIRO. Mark Bartlett e Fran Dyer aguardavam-no.

– Michael – começou Dyer –, você não precisa dizer nada, mas vai ter de me ouvir.

Então ele e Bartlett começaram a detalhar a acusação que seria apresentada no tribunal. Em determinada altura, Forwell interrompeu:

– Era apenas maconha – disse.

– Você é um grande traficante de drogas, Michael – rebateu Dyer. – Agora vai pagar o preço. Você tem duas opções: pode declarar-se inocente e pegar 25 anos. Ou pode declarar-se culpado.

Deixou Forwell refletir, antes de acrescentar:

– Samuel Colflesh vai ao tribunal como nossa testemunha.

Forwell ficou calado, mas seu advogado perguntou:

– Há alguma informação que meu cliente possa dar para reduzir a pena?

– Ele nada mais tem a nos oferecer – respondeu Dyer.

Em 15 de março de 1996, Michael Forwell declarou-se culpado de participação no tráfico ilegal de mais de mil quilos de maconha para os Estados Unidos e foi condenado a 15 anos de prisão.

O sargento-detetive David Jones recebeu uma comenda do Comissariado da Polícia Metropolitana de Londres por sua participação na prisão de Forwell e de sua mulher. Jones e o agente especial Fran Dyer continuam trabalhando juntos na caça a outros traficantes internacionais de drogas.

MELHOR DO QUE A INFORMÁTICA

Como de vez em quando nos esquecemos do aniversário de amigos e parentes, resolvi fazer uma lista no computador para que as datas aparecessem realçadas na tela quando o aparelho fosse ligado.

Fui a diversas lojas de informática procurando um programa que fizesse isso, mas não tive sorte nas primeiras. Por fim, encontrei uma onde o vendedor parecia ter experiência no assunto.

– Podia me recomendar algo que me faça lembrar de aniversários de nascimento e de casamento? – perguntei.

– Já experimentou uma esposa? – foi a resposta.

–BERT SHEASBY, *Canadá*

www.4tons.com.br

“Entre Aspas”

Mantendo a mente livre em momentos de contemplação, permitimos que as boas idéias brotem.

—MARIA TEREZA MALDONADO
em Lições de vida para maiores de 50 (Ediouro)

O dinheiro traz alguma felicidade. Mas depois de certo ponto, só traz mais dinheiro. —NEIL SIMON

A única pessoa que escuta os dois lados de uma discussão é o sujeito no apartamento vizinho.
—RUTH BROWN *em National Enquirer*

O crescimento exige uma renúncia temporária à segurança.
—GAIL SHEELY *em Passages (Dutton)*

Com defeitos ou qualidades, o conhecimento é a única arma de que dispomos para enfrentar a grande viagem do amor com esperança de sucesso. —MARINA COLASANTI *em E por falar em amor (Editora Rocco)*

A mudança não só é necessária à vida. É a própria vida.
—ALVIN TOFFLER

Uma viagem do ego é algo que nunca nos leva a nada.
—SUZAN L. WIENER

O segredo de uma vida rica é ter mais princípios do que fins. —DAVE WEINBAUM

Os cochilos são a maneira que a natureza tem de nos lembrar de que a vida é boa – feito uma linda rede, balançando suavemente, pendurada entre o nascimento e a eternidade.
—PEGGY NOONAN
em Good Housekeeping

Se não tiver mais que um desejo, que seja por uma idéia.
—PERCY SUTTON

Algumas das maiores dádivas de Deus são preces não atendidas.
—GARTH BROOKS, PAT ALGER E LARRY BASTIAN
em Unanswered Prayers

Cidadania é a oportunidade de influir sobre o lugar a que você pertence.
—CHARLES HANDY
em Across the board

www.4tons.com.br